

Dina Rodrigues Macias

Alguns deícticos de lugar: análise pragmática

73

Dina Rodrigues Macias

Alguns deícticos de lugar: análise pragmática

SÉRIE

Estudos

EDIÇÃO DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA

Título: Alguns deícticos de lugar: análise pragmática

Autores: Dina Rodrigues Macias

Edição: Instituto Politécnico de Bragança · 2004

Apartado 1038 · 5301-854 Bragança · Portugal

Tel. 273 331 570 · 273 303 200 · Fax 273 325 405 · <http://www.ipb.pt>

Execução: Serviços de Imagem do Instituto Politécnico de Bragança

(grafismo, Atilano Suarez; paginação, Luís Ribeiro; montagem e
impressão, António Cruz; acabamento, Isaura Magalhães)

Tiragem: 200 exemplares

Depósito legal n° 219629/04

ISBN 972-745-078-4

Aceite para publicação em 2002

Índice

Parte I · Introdução	7
1.1 · A Deixis	9
1.2 · Deixis e subjectividade na linguagem	12
1.3 · Deixis e Anáfora	14
Parte II · Deícticos de Lugar	17
2.1 · Capítulo I	18
2.1.1 · “Cá” / “lá”	18
2.1.1.1 · “CÁ”	19
2.1.1.2 · “LÁ”	20
2.2 · Capítulo II	22
2.2.1 · “Aqui” / “Aí” / “Ali”	22
2.2.1.1 · “AQUI”	22
2.2.1.2 · “Aí”	23
2.2.1.3 · “ALI”	24
Conclusão	27
Bibliografia	29

Anexos	31
Fronteira	31
As aventuras de Rosalina	36
Os três encontros	38

Parte I · Introdução

*"Os objectos acerca dos quais se fala encontram-se num certo lugar da realidade. Este pode determinar-se pondo-o em relação com outro conhecido do emissor e do receptor. À imagem desta relação chamamos **topema**, ao espaço entre os dois lugares **distância**. O topema pode apresentar vários aspectos segundo a distância, a dimensionalidade do espaço, o contacto e o movimento forem ou não relevantes".*

In Michael Metzeltin (1978), *O Signo, o Comunicado, o Código* – Introdução à Linguística Teórica

Neste trabalho que nos propomos elaborar, preocupar-nos-emos sobretudo, e usando a terminologia de Michael Metzeltin, com o "Topema com distância relevante e tendo como ponto de referência o emissor": "**aquí, ali/aí, cá e lá**".

Contudo, a ênfase sera dada não aos déicticos de lugar enquanto elementos de uma classe gramatical e enquanto elementos intrinsecamente eficazes, mas, antes, aos pressupostos por eles gerados.

São formas cujos valores referenciais dependem das coordenadas da situação de enunciação em relação à qual elas são construídas. E isso manifesta-se, desde logo, no discurso familiar, onde deparamos, por vezes, com situações de comunicação como esta:

A – Vem **cá**.

B – **Cá**, aonde?

A segunda questão é levantada exactamente porque a interpretação de "**cá**", no primeiro enunciado, apela a dados conhecidos do locutor **A**, mas que são provavelmente ignorados pelo locutor **B**, pelo que fica impedido de compreender onde se encontra o 1.º locutor.

Para que sejam inteligíveis, os comunicados devem conter descrições acerca dos objectos da realidade; dos processos ou qualidades desses objectos; **da sua situação no espaço e no tempo**; da quantificação desses objectos, dos seus processos ou qualidades; **da sua situação espaço-temporal**; do valor da realidade; do emissor e do receptor.

Assim, "**Pedro foi ali**" não será inteligível se emissor e receptor não localizarem do mesmo modo o deíctico "**ali**". Se a combinação for "**Pedro foi a casa**", o lugar está já determinado, porque, segundo Levison (1983), a palavra "casa" seria conhecida pelos participantes e a noção de espaço é então construída por e para cada acto particular da enunciação de modo a que a comunicação se estabeleça. Vejamos o que acontece quando alguém vê escrita a seguinte frase: "**Eu chego lá às sete e levo o relatório**", não tendo conhecimento de quem a enunciou nem quem era o seu destinatário. Esta frase não é entendível, antes de mais, por conter dois deícticos "**eu**" e "**lá**", que se caracterizam por não terem apenas significado mas também referência. É necessário sabermos algo sobre a situação em que aquela frase foi enunciada, para saber a quem se refere o "**eu**" e o "**lá**".

A formulação mais simples deste problema é a de estabelecer três tipos básicos de advérbios. Dois são de natureza pronominal devido à sua função na comunicação, já que se destinam a colocar o acontecimento no espaço ou no tempo em relação à posição espacial ou temporal do falante, respectivamente, os advérbios locativos e os advérbios temporais.

Um terceiro grupo de advérbios e de natureza nominal, qualquer que seja a origem das suas formas.

Mas, como o objectivo do nosso trabalho é o estudo dos advérbios locativos, importa agora ver que estes se associam mórfica e semanticamente aos pronomes demonstrativos, que remontam já ao conhecimento dos demonstrativos no Latim clássico.

Estes deícticos provinham das formas de locativo e ablativo dos pronomes demonstrativos latinos, aglutinando algumas partículas preposicionais.

Assim, e esquematizando:

AQUI <accu(m) + hic — (neste lugar)

AÍ <ibi - locativo de is — (o mesmo)

<i - português arcaico

CÁ <accu(m) hac — Latim vulgar (por aqui)

<acá — português arcaico

LÁ <illac (por ali)

"Em português continuam os sistemas de advérbios locativos e temporais, tipologicamente paralelos aos latinos. Houve apenas mudanças morfológicas e substituições de formas, em vez da simples evolução fonética"¹.

E surge-nos aqui um sistema bipartido, em que a proximidade ao sujeito falante " **cá** " se opõe ao distanciamento " **lá** " sem referência à posição do ouvinte. "São formas decorrentes dos advérbios latinos que expressavam direcção para o lugar indicado: *hac* em vez de *hic*; *illac*, em vez de *illic*"²

1.1 · A Deixis

O fenómeno da deixis pode ser considerado como estando no centro da actividade linguística, na medida em que está, por definição, na charneira entre o "diz" e o acto de "dizer", exactamente no momento em que a significação se constrói.

Deícticos – traduzido em Latim por "demonstrativus" – eram as formas da língua próprias para mostrar, para designar o que estava presente na esfera da comunicação, incluindo aí os seus protagonistas.

Os linguistas falam de deícticos num sentido muito mais amplo, podendo compreender tudo o que, no discurso, se relaciona com a situação da sua produção, nomeadamente:

- a categoria gramatical da pessoa;
- as coordenadas de espaço e de tempo, onde se desenrola o acto da enunciação;
- os fenómenos da modalidade;
- deixis social (sinais das relações sociais entre os interlocutores).

O "Social Deixis", de acordo com Fillmore (1971), diz respeito à codificação de distinções sociais que são referentes aos papéis dos participantes, particularmente os aspectos das relações sociais entre emissor e destinatário ou entre emissor e algum referente.

Assim e segundo a terminologia de Jakobson quando fala de "**embrayeurs**", os deícticos são formas que marcam nos enunciados de cada língua, as condições particulares de cada enunciação: os enunciadores, o espaço e o tempo da produção. Referimo-nos aos pronomes pessoais e possessivos, aos demonstrativos, aos advérbios de lugar, tempo e modo e às formas da flexão verbal.

1) Cf J. Mattoso Câmara Jr, (1985), *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, Padrão, Livraria Editora, Ld.ª, Rio de Janeiro, p. 118.

2) Cf. J. Mattoso Câmara Jr, *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, ed. cit., p. 119.

Jakobson (1963) afirma: "En réalité, la seule chose qui distingue les embrayeurs de tous les autres constituants du code linguistique, c'est le fait qu'ils renvoient obligatoirement au message".

Uma outra concepção surge-nos pela proposta de Émile Benveniste, considerando os deícticos como expressões "**sui-referentes**" e "**auto-referentes**". E nesta perspectiva, Benveniste (1966) fala do tempo linguístico como sendo "**sui-référentiel**" já que ele tem como ponto de referência a própria ocorrência do acto de fala.

Peirce, um dos criadores da Semiótica, propôs uma significação dos signos, fazendo a distinção entre "**Ícones**", "**Símbolos**" e "**Índices**".

Um "**ícone**" será um sinal que reproduz os traços dos objectos a que se refere, isto é, imita o objecto a que se refere, como por exemplo a escrita egípcia ou a escrita chinesa.

Ex:  [Pássaro]

Trata-se, então, de uma escrita icónica.

Os "**símbolos**" são considerados, por Peirce, sinais que não imitam e que não têm qualquer relação semântica com os objectos a que referem. Por exemplo, a representação gráfica dos algarismos é um símbolo.

Ex: 15 - símbolo

Se a representação do número "15" fosse feita com pontos (.....) tratar-se-ia de um ícone e já não de um símbolo.

Finalmente os **índices** são os sinais que se referem por proximidade e Peirce chamou-lhes mesmo "indexicals" (indexicais).

Nesta perspectiva o deíctico aponta para qualquer coisa, não como tipo, como uma categoria geral, mas em cada uso único.

Outra designação aparece ainda com Reichenback (1948), pois considerava os deícticos, como sendo expressões "**token - reflexive**" e, na opinião de Óscar Lopes, tratar-se-á da designação mais rigorosa. Exemplifiquemos aquela designação com a expressão: "as casas", onde temos "seven tokens", isto é, do ponto de vista da grafia e também da fonologia há sete ocorrências de letras e também de fonemas. Reiteramos a posição de Óscar Lopes, pois trata-se efectivamente de uma definição muito rigorosa, senão vejamos:

= as casas =

3 ocorrências de	—	a
3 ocorrências de	—	s
1 ocorrência de	—	c

Na análise fonética daquela expressão, há também 7 ocorrências:

=[e] kaZ]e]=			
2 ocorrências de	—	e	}
2 ocorrências de	—		
1 ocorrência de	—	k	
1 ocorrência de	—	Z	
1 ocorrência de	—	a	

Numa análise morfológica teremos:

1 ocorrência de	—	a
1 ocorrência de	—	casa
2 ocorrências de plural	—	s

As várias facetas de "deixis" estão tão difundidas nas línguas e tão profundamente gramaticalizadas, que é difícil pensar nelas sem as considerarmos numa parte essencial da Semântica.

O aspecto mais importante é que "a deixis" está relacionada com a codificação de muitos e diferentes aspectos das circunstâncias que rodeiam a expressão oral, dentro da própria expressão oral.

As categorias tradicionais da "deixis" são pessoa, lugar e tempo. Estas categorias são interpretadas da seguinte maneira:

- a "Pessoa de Deixis" diz respeito à codificação do papel de participantes no discurso;
- o "Lugar de Deixis" refere-se à codificação de localizações espaciais relativas à localização dos participantes no discurso. A maior parte das línguas gramaticaliza pelo menos uma distinção entre "próximo" (ou perto do emissor) e "distante" (ou longe do receptor), mas outras línguas fazem distinções muito mais pormenorizadas. Tais distinções são vulgarmente codificadas através de demonstrativos [como em inglês **"this"** (este) em oposição a **"that"** (aquele)] e em advérbios de lugar [como em inglês **"here"** (aqui) em oposição a **"there"** (ali, além)].
- o "Tempo de Deixis" foca a codificação de pontos e períodos de tempo respeitantes ao tempo em que uma oralidade foi produzida. Este "tempo de deixis" é habitualmente gramaticalizado em advérbios de tempo [como em inglês **"now"** (agora), **"then"** (depois), **"yesterday"** (ontem) e **"this year"** (este ano)] mas, acima de tudo, em tempos verbais.

Os sistemas de "Deixis" nas línguas naturais não estão organizados arbitrariamente em torno de traços das muitas e variadas espécies de meio e contexto nos quais as línguas são usadas. Além disso, é geralmente (mas não invariavelmente) verdade que "deixis" está organizada numa maneira egocêntrica, isto é, se (tendo em vista uma interpretação semântica ou pragmática) pensarmos em expressões de "deixis" apoiadas em pontos específicos do acto de comunicação, então admitimos que os pontos de apoio não observados, que constituem o "DEICTIC CENTRE", sejam os seguintes:

- 1 - **a figura central** é o orador;
- 2 - **o tempo central** é aquele em que o orador produz a oralidade;
- 3 - **o lugar central** é a situação do orador no tempo da oralidade;
- 4 - **o centro do discurso** é o ponto em que o orador se encontra na produção da sua oralidade e
- 5 - **o centro social** é o *status* do orador para o qual o *status* dos destinatários é relativo.

1.2 · Deixis e subjectividade na linguagem

É normal falar dos pronomes e de alguns advérbios – os deícticos em geral – como formas de linguagem que reenviam aos protagonistas da situação dialógica de comunicação: aquele que fala, aquele a quem é dirigida a mensagem, e, por outro lado, tudo o que não está implicado como participante neste esquema de comunicação.

Também Óscar Lopes (1972) fala dos pronomes demonstrativos como a expressão de filtros de vizinhança do locutor e do interlocutor.

Émile Benveniste (1966), numa série de artigos agrupados no título "O Homem na Linguagem" foca também este fenómeno da subjectividade da linguagem e ocupa-se sistematicamente das formas da linguagem que aí são os traços dos enunciados, afirmando que o indivíduo não se manifesta como consciência de si-próprio senão pelo seu discurso.

Émile Benveniste considera, então, que os deícticos, entre outras formas, seriam os lugares de manifestação privilegiados.

"É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito porque só a linguagem funda realmente na sua realidade, que é a do ser, o conceito do ego"³.

Benveniste designa os pronomes pessoais como as primeiras manifestações desta subjectividade nas línguas.

"A consciência de si, só é possível se se tomar conhecimento de si por contraste. Eu só utilizo eu ao dirigir-me a alguém, que na minha alocação será um tu. É esta condição de diálogo que é constitutiva da pessoa, pois implica que, reciprocamente, eu me torne tu na alocação da que por sua vez se designa por eu (...). A linguagem só é possível porque cada locutor se coloca como sujeito, remetendo para si mesmo, como eu, no seu discurso. Por isso, eu instituo uma outra pessoa, aquele que, por muito exterior que seja a "mim", se torna o meu eco ao qual digo tu e que me diz tu"⁴.

3) Cf. Émile Benveniste, (1966), "*Da Subjectividade na Linguagem*", in *O Homem na Linguagem*, Vega, Universidade, Lisboa, p. 50.

4) Cf. Émile Benveniste, (1966), "*Da Subjectividade na Linguagem*", ed. cit., p. 51.

Todavia, outras indicações podem ser dadas pelo enunciado, que se relacionam com o sujeito da enunciação. São todas as indicações de espaço e de tempo à volta do "sujeito", marcadas por pronomes demonstrativos, advérbios e pela flexão verbal. Elas permitem situar, no tempo e no espaço, os acontecimentos relacionados, tendo sempre como ponto de referência o sujeito da enunciação.

A significação construída pelos deícticos não é susceptível de uma descrição conceptual. É necessário recorrer a dados pragmáticos das circunstâncias do acto de comunicação. Por outro lado, e em consequência do que foi dito, cada ocorrência de deíctico corresponde a um "referente" particular e único, o que emana da sua dependência em relação à ocorrência única de discurso onde ela serve a sua significação.

Esta característica da significação deíctica é observada, mais ou menos explicitamente, quando se fala de contexto, situação de comunicação, de enunciação, de acto de fala ou de instância de discurso, de que Benveniste também fala.

Entre as formas actualizadas e determinadas em relação à instância de discurso, algumas distinguem-se porque:

"Cada instância da utilização de uma palavra refere-se a uma noção constante e "objectiva", apta a permanecer virtual ou a actualizar-se num objecto singular, e que continua sempre idêntica na representação que suscita. Mas as instâncias de utilização de *eu* não constituem uma classe de referência, visto que não há "objecto" definível como *eu* a que essas instâncias se possam referir de maneira idêntica. Cada *eu* tem a sua referência própria, e corresponde, de cada vez, a um ser único, formulado como tal"⁵.

Esta relação entre a instância de uma forma e a instância do discurso que a contém é extensiva aos pronomes pessoais, aos pronomes demonstrativos e a alguns advérbios.

Benveniste afirma que "(...) *aqui* e *agora* delimitam a instância espacial e temporal coextensiva e contemporânea da presente instância de discurso que contém *eu*.

(...) O essencial é, pois, a relação entre o indicador (de pessoa, de tempo, de lugar, de objecto que se mostra, etc.) e a presente instância de discurso"⁶.

Os deícticos exigem, efectivamente, para dar conta da especificidade do seu funcionamento semântico-referencial, que se tomem em consideração certos parâmetros constitutivos da situação de enunciação. O plano semântico funciona como elemento mediador

5) Cf. Émile Benveniste, (1966) "*A Natureza dos Pronomes*", in *O Homem na Linguagem*, Vega, Universidade, p. 44.

6) Cf. Émile Benveniste, (1966) "*A Natureza dos Pronomes*", ed. cit., p. 45

indispensável entre o plano da expressão e o do referente extralinguístico: é ele que torna possível o mecanismo referencial.

1.3 · Deixis e Anáfora

Uma outra questão que se levanta, quando se fala dos deícticos, é a da referência anafórica.

Catherine Orecchione (1980) considera a anáfora um termo polissêmico, podendo utilizar-se como sinónimo de "representação" ou reservá-lo para a situação em que o representante reenvia ao contexto anterior, opondo assim "représentation par anaphore vs représentation par anticipation (ou "cataphore")".

Bally (1969) fala de denominação "absolue", mas, segundo Catherine Orecchione trata-se de referência deíctica.

Também Todorov (1972) a propósito de algumas posições de outros linguistas ao falarem da enunciação com a palavra deixis considera que aqueles atribuem ao mesmo termo uma oposição importante, porque "une partie des formes deixiques renvoie à des éléments antérieurs de l'énoncé même (ainsi les pronoms il, elle, le, la, etc.), une autre, aux éléments de l'acte de parole (je, tu, etc.); autrement dit, on confond la deixis anaphorique avec la deixis indicielle"⁷.

Falar é significar, mas ao mesmo tempo é referir: é fornecer informações específicas a propósito de objectos específicos do mundo extralinguístico, que não podem ser identificados senão em relação a certos pontos de referência, no interior de um certo "système de repérage" (Culioli, 1973). O sistema de referência deíctica não é o único a que podem recorrer as línguas naturais, mas é sem dúvida o mais importante, e certamente o mais original, porque tem a particularidade de se efectuar não em relação a outras unidades internas do discurso, mas em relação a qualquer coisa que lhe é exterior e heterogénea: os dados concretos da situação de comunicação.

Os deícticos têm, assim, a missão de transformar a língua em fala e Émile Benveniste repete-o sistematicamente⁸.

7) Cf. Tzevan Todorov, (1972), *Dictionnaire Encyclopédique des Sciences du Langage*, Seuil, Paris, p. 406.

8) - "C'est dans l'instance de discours où "je" désigne le locuteur que celui-ci s'énonce comme "sujet". Il est donc vrai à la lettre que le fondement de la subjectivité est dans l'exercice de la langue. Si l'on veut bien y réfléchir, on verra qu'il n'y a pas d'autre témoignage objectif de l'identité du sujet que celui qu'il donne ainsi lui-même sur lui-même" (Benveniste, 1966).

- "En tant que réalisation individuelle, l'énonciation peut se définir, par rapport à la lante, comme un procès d'appropriation. Le locuteur s'approprie l'appareil formel de la langue et il énonce sa position de locuteur par des indices spécifiques". (Benveniste, 1970).

Como conclusão desta 1ª parte do nosso estudo reiteramos as palavras de Catherine Orecchione (1980) quando diz: "Outils commodes, économiques, et irremplaçables, les formes déictiques, se disséminant au travers de la trame discursive, sont de ce fait beaucoup plus fréquentes en discours qu'elles ne sont nombreuses en langue".

Parte II. Deícticos de Lugar

"A observação superficial logo nos diz que os pronomes e advérbios demonstrativos constituem em português *filtros* de vizinhanças mais complicadamente sistematizados que os de língua francesa ou inglesa, por exemplo. Assim, e em primeira abordagem, é fácil reconhecer que "isto", "isso", "aquilo" opõem um filtro de vizinhanças da primeira pessoa ("isto" fica perto de mim) a outro da segunda pessoa ("isso" fica na tua proximidade) e a outro da terceira pessoa gramatical ("aquilo" está junto dele, longe de mim e de ti), ao passo que "ceci" e "celà", "this" e "that" se limitam a indicar a maior ou menor proximidade (ou afastamento) relativamente à(s) pessoa(s) que fala(m). E todavia tal oposição binária, e não ternária, também em português se verifica em expressões como "cá" e "lá", "aquém" e "além", "assim" e "doutro modo" (ou "aliás"), "agora" e "então" (ou, no mesmo espaço cronológico ordenado, "logo"). (Óscar Lopes, 1972).

Na sua Gramática Simbólica do Português, Óscar Lopes (1972) continua o estudo desta problemática afirmando: "Além de advérbios demonstrativos como "aqui" ("aí", "ali"), "agora", "assim", respectivamente equivalentes a "neste (nesse, naquele) lugar", "neste momento", "deste modo", e de outros de significado semelhante (ou oposto) a que já referimos por alto, é claro que os pronomes possessivos se aproximam muitas vezes dos demonstrativos: "o meu (o teu) lugar" equivale a "aqui (aí)".

Esquemmatizando:

| o meu lugar \Leftrightarrow aqui
| o teu lugar \Leftrightarrow aí

Ao estudarmos os deícticos de lugar tentaremos distinguir o sentido descritivo - referencial e o sentido pragmático. Este associa as palavras não à realidade para a qual remetem, mas àquilo que se faz com elas (Récanati, 1979). Daqui decorre a necessidade absoluta de estudar estes deícticos em situação, pois de outra maneira, não ficariam totalmente explicados.

A compreensão dos deícticos terá que partir da sua função pragmático-comunicativa e só poderá ser reconhecida se se tiver em conta o contexto da enunciação, com toda a complexidade de factores que este inclui.

A pluridimensionalidade funcional da linguagem deverá também ser tida em conta, na medida em que muitos dos deícticos só adquirem sentido através da enunciação, ou antes, que directamente se ligam ao acto de enunciar.

Assim, seleccionámos alguns deícticos de lugar que nos pareceram passíveis de ser abordados num estudo da natureza do presente:

- “Cá” e “lá” - Capítulo I
- "Aqui", "Aí" e "Ali" - Capítulo II

2.1 · Capítulo I

2.1.1 · “Cá” / “lá”

A associação destes dois deícticos de lugar é feita por alguns linguistas, tendo em conta o seu aspecto etimológico e mesmo morfológico.

Todavia, parece-nos que esta associação tem lógica pelo facto de eles constituírem um sistema binário diferente do sistema trenário "aqui" / "aí" / "ali".

Tentaremos, neste primeiro capítulo, uma classificação de algumas ocorrências dos deícticos de lugar "cá" e "lá", nas diferentes situações comunicativas em que podem aparecer, das suas diversas possibilidades de emprego e procurar captar os matizes do valor pragmático dessas ocorrências.

Tal como Ducrot afirma em relação às várias ocorrências de "mais" que estudou, "il s'agit d'abord d'utiliser la classification comme méthode heuristique pour faire apparaître des problèmes linguistiques de détail dans l'étude de textes réels" (1980, 94).

O nosso corpus de análise foi extraído de alguns contos de Irene Lisboa, de um outro conto de Miguel Torga e também da linguagem oral do nosso quotidiano.

2.1.1.1 · "CÁ"

1. "As gaiivotas pareciam-lhe umas tontas, para **cá** e para **lá**, de cabeça pendurada..."

(Irene Lisboa, *As Aventuras de Rosalina*)⁹

Neste enunciado, a questão põe-se na alternativa entre dois espaços, em relação a um ponto de referência. Estamos perante um movimento repetitivo e rítmico das gaiivotas. Diríamos que há uma deslocação, uma mudança de lugar, uma agitação frenética. Tão distante do locutor parece ser o **cá** como o **lá**; é expressão feita e mesmo "neutra", será um locutor equidistante. O lugar não é marcado, mas antes equivalente a "de um lado para o outro", seja qual for o *um* e seja qual for o *outro*.

2. "Ai, que não tenho braços... coitadinha de mim... lamuriava Rosalina para se entreter. Mas de perto lhe responde uma voz:

Anda **cá** menina".

(Irene Lisboa, *As Aventuras de Rosalina*)

Nesta ocorrência de "**cá**" diremos que há uma instrução estratégica do locutor, no sentido de localização, mas sobretudo com a intenção de insistir, de dar ênfase ao apelo, ao acto de chamar a criança e este valor é tanto mais óbvio, quanto podemos constatar que num texto relativamente curto, nos surge dez vezes a construção: "**Anda cá menina**". Esta repetição ao longo do texto, embora sempre com a ideia de aproximação, indica aproximações diferentes a lugares diferentes e a sujeitos também diferentes.

3. "Mas tu falas sempre certo, mulher. Queres crer que eu tive uma certa pena do velhote e que à vista do nosso vizinho me senti mal **cá** por dentro?"

(Irene Lisboa, *Os três encontros*)

O "**cá**" não sugere neste pequeno excerto um lugar determinado, mas antes uma direcionalidade no sentido do locutor. Ficamos a saber que o "**cá**" se refere ao locutor, que se relaciona com a 1.^a pessoa e de alguma forma a uma certa territorialidade específica do "eu".

O espaço a que o "**cá**" se refere é, efectivamente, pouco determinado, inacessível aos outros, acentuando uma bipartição interior/exterior. Trata-se de algo muito íntimo, de algo que apenas é possuído pelo locutor.

9) Todos os excertos, que apresentamos de Irene Lisboa, são extraídos do seu livro de contos: UMA MÃO CHEIA DE NADA OUTRA DE COISA NENHUMA, Livraria Figueirinhas, Porto, 1980. Em anexo a este estudo apresentaremos o conjunto de textos de que nos servimos.

4. "Ontem telefonou para **cá** o João".

Nesta expressão simples e que frequentemente utilizamos na nossa linguagem oral, o deíctico "**cá**" significa o lugar onde se encontra o locutor no momento da asserção, havendo também uma certa direcionalidade no sentido local onde o mesmo locutor se encontra.

Mas, este "**cá**" acaba, também, por ser anafórico, já que aquela asserção teria exactamente o mesmo sentido se alguém apenas dissesse:

"Ontem telefonou o João".

5. Vejamos outro exemplo da linguagem oral: "**Cá** fora, as pessoas conversavam".

Nesta situação, "**cá**" significa proximidade no espaço da situação de comunicação. Este "cá fora, as pessoas conversavam" implica um "lá dentro, as pessoas não conversavam".

Trata-se de uma marca de valores co-referenciais.

6. Atentemos ainda numa outra utilização do deíctico de lugar "**cá**" e que poderemos incluir na linguagem familiar:

"E **cá** pelo nosso canto tudo bem".

Mais do que o lugar, este "**cá**" sugere uma espécie de terreno psicológico, há como que uma identificação do locutor com o "seu canto", com "o seu habitat". Trata-se de um reduto, de um lugar privilegiado.

2.1.1.2 · "**LÁ**"

1. "Sempre faz um frio! Quem anda **lá** por fora é que sabe"
(Irene Lisboa, *Os três encontros*)

Também este "**lá**" não é um lugar determinado, parece remeter para um lugar psicológico distante do terreno do "eu". Trata-se, talvez, de um lugar longínquo, indefinido, mas vasto. "**Lá**" podem ser vários locais, recobrimdo uma grande extensão!...

Podemos, contudo, interpretar este "**lá**" como sendo um local calculado em relação oposta ao local onde se desenrola o diálogo, isto é, ao "**cá**", marcando a co-referência com qualquer coisa, como por exemplo: o campo, a rua, o lugar por onde...

Esta mesma situação surge-nos, por exemplo em:

"Estás **lá** dentro?"

O "**lá**" marca também a co-referência a qualquer compartimento da casa, ou à sala de aula ou ainda do café, por exemplo.

É óbvio que pressupomos aqui a existência de uma 2.^a pessoa que estaria "**cá fora**".

Também em "**Está lá?**" (início de uma conversa telefónica)

o "**lá**" faz apelo ao segundo enunciador, embora não marque nenhum valor co-referencial.

2. "Aqui não se está mal, mas **lá** em cima está um frio de rachar"

O deíctico "**lá**" associado a "em cima" pretende especificar o local, mas sobretudo opô-lo a "aqui", que seria mesmo "cá em baixo" e simultaneamente o espaço onde se encontra o locutor, ainda que este já tivesse estado "lá em cima".

3. "O Rala, de braço bambo da navalhada que o D. José, em Lovios, lhe mandou à traição, dá sempre uma resposta torta à mãe, quando já no quinteiro ela lhe recomenda não sei quê **lá** de dentro".

(Miguel Torga, *Fronteira*)¹⁰

O deíctico assume aqui a função de lugar "a partir de onde". Veicula simultaneamente que aquele lugar é o interior da casa, um interior vago (cozinha... quarto... sala... corredor? ...).

Todavia, o que aqui assume uma grande importância é a oposição: "Rala no quinteiro" / "mãe dentro de casa".

4. "Quando alguém não regressa, e por **lá** fica varado pela bala de uma lei que Fronteira não pode compreender, o coração da aldeia estremece, mas não hesita".

(Miguel Torga, *Fronteira*)

Estamos perante um lugar vasto de que se sabem alguns contornos, ainda que imprecisos. Será aquele lugar, a noite? Será o desconhecido? Será a fronteira? Será o destino?

Em Fronteira é impossível obter respostas a estas questões, e a vida lá vai continuando!...

5. "- A mim não me enganas tu. Gente! No posto eu te direi se isso é gente, ou são cortes de seda. Vamos **lá**!"

(Miguel Torga, *Fronteira*)

Neste excerto do magnífico conto de Miguel Torga, constatamos que o deíctico exprime o "lugar para onde". É como se Robalo dissesse: "Vamos para lá, para o posto da Guarda Fiscal". Parece-nos ser mais uma ordem, imprimindo uma certa rapidez à acção que se ordena.

10) Os excertos que são objecto de estudo e que foram extraídos da obra literária de Miguel Torga, referem-se, na sua totalidade, ao conto "FRONTEIRA" inserido em NOVOS CONTOS DA MONTANHA, 6ª edição, Coimbra Editora, 1975. Anexaremos o texto integral do referido conto ao nosso estudo.

6. "Fronteira, contudo, podia mais do que uma absurda obstinação. E, mal a parturiente atirou **lá** de dentro o primeiro grito a valer, o Robalo Ruíu"

(Miguel Torga, *Fronteira*)

Nesta variante trata-se do "lugar onde", o interior do quartel e pretende-se obviamente marcar bem a oposição com o "cá fora", onde está Robalo. Está patente a origem do grito, que viaja de dentro para fora: do quarto, do corpo da mulher, do interior de si própria em direcção a Robalo.

7. Escolhemos ainda outros exemplos, mas estes são vínculos bem simples da nossa linguagem oral, senão vejamos:

7.1. - "Para **lá** daqueles montes não distingo nada".

O "**lá**" assume, nesta situação de comunicação, o papel de lugar, um lugar impreciso que nos sugere uma certa distância, transformando-se o deíctico num verdadeiro operador de distanciamento.

7.2. - "- Hoje está frio em Braga.

- **Lá** em Bragança está muito mais"

Neste enunciado e numa situação de comunicação facilmente se constata que os interlocutores perceberam que alguém vivia em Bragança, local primeiramente designado por "**lá**" e só depois por "Bragança". Tratar-se-á de um reforço de lugar com o qual um dos interlocutores se identificava, mas que no momento comunicativo estava longe de si.

2.2 · Capítulo II

2.2.1 · "Aqui" / "Aí" / "Ali"

Quando pretendemos distinguir as várias situações de comunicação, e no que concerne a formulações intuitivas, utilizamo-las muitas vezes em termos de *proximidade* ou *afastamento*. "**Aqui**" será o que está próximo do locutor, "**ali/aí**" o que está afastado do mesmo.

Tal como na bipartição "**cá/lá**", também "**aqui/ali**" têm a ver, respectivamente, com o sujeito enunciativo do discurso, com a proximidade do locutor em relação àquilo de que fala, com a ênfase, em suma, da 1ª pessoa; em oposição à relação com a 3ª pessoa ou a não-primeira pessoa, sugerindo o distanciamento psíquico entre o locutor e essa não-pessoa.

O "eu" é uma espécie de ponto aferidor, de ponto de referência reforçada quer pelo advérbio "**cá**" quer pelo "**aqui**", enquanto o "**lá**" e o "**ali**" sugerem distância espacial temporal ou afectiva.

No que concerne à utilização destes deícticos de lugar, servir-nos-emos igualmente de textos de Irene Lisboa, de Miguel Torga e de registos do discurso oral.

2.2.1.1 · "AQUI"

1. "Haja paz nesta casa! **Aqui** está quem manda""

(Irene Lisboa, *Os três encontros*)

Através desta expressão não vislumbramos nenhum lugar concreto. Não é "neste lugar", não é "na soleira da porta" ou "no interior de casa", mas: "em cena... já entrei", "já figuro", "cheguei". Há, efectivamente, um sinal de presença longamente esperada. Díríamos mesmo que há uma atitude triunfante.

Este deíctico tem ainda um valor conclusivo: "enfim, estou aqui!" e simultaneamente temporal "Já cá estou!".

2. "Depois, vai-me tu sempre ouvindo, que agora **aqui** é que anda mistério e grande".

(Irene Lisboa, *Os três encontros*)

Uma vez mais, "**aqui**" abdica da sua natureza de deíctico locativo *stricto sensu*, referindo-se primordialmente a um momento da narrativa. Significa sobretudo "neste assunto", "nesta história", "a história que conto agora, neste momento".

3. "- Não. **Aqui**, a terra, ao todo, ao todo, produz a bica de água da fonte. O resto vão-no buscar a Fuentes".

(Miguel Torga, *Fronteira*)

Com efeito, este deíctico é um sinónimo de terra, local, localidade, acabando mesmo por ser anafórico. Ele designa a localidade de Fronteira, de que poderíamos dizer, parafraseando o enunciado: "Em Fronteira, a terra não produz senão a água da fonte".

2.2.1.2 · "AÍ"

O advérbio de lugar "**aí**" é um ponto de referência calculado como diferente daquele constituído pelas coordenadas da asserção do enunciado. Vejamos o seguinte exemplo:

1. "Estás para **aí** a fazer disparates e a distrair-me"

Através deste exemplo, parece-nos correcto afirmar que "**aí**" constrói um espaço calculado em relação à situação espacial do interlocutor, marcando valores sui-referenciais.

2. "Vai para **aí** que o cheiro está insuportável".

O deíctico locativo, neste outro contexto, localiza o espaço da situação de comunicação, o espaço talvez circundante e não tanto a proximidade dos interlocutores.

Atentemos, ainda, em outros valores pragmáticos do deíctico de lugar "**aí**":

3. "E **aí** começam ambos a trabalhar, ele em armas de fogo, que vai buscar a Vigo, e ela em cortes de seda, que esconde debaixo da camisa, enrolados à cinta, de tal maneira que já ninguém sabe ao certo quando atravessa o ribeiro grávida a valer ou prenha de mercadoria".

(Miguel Torga, *Fronteira*)

O valor temporal é plenamente assumido pelo "**aí**", que poderia, sem qualquer alteração de significado para o texto, ser substituído por: "E então começam ambos a trabalhar..." ou ainda, "A partir desse momento começam ambos a trabalhar...".

É também notório o seu valor conclusivo, já que também Torga poderia ter escrito: "E eis que começam ambos a trabalhar...", ou "E é assim que começam ambos a trabalhar..." ou ainda "Pronto, começam ambos a trabalhar...".

4. "Os cabelos voavam-lhe com a aragem e com a excitação.

O sol que pare! - bradava a pequena. Que espere! Espera **aí** por mim!

(Irene Lisboa, *As Aventuras de Rosalina*)

Eis-nos, novamente, perante um lugar não exacto. É um lugar distante de mim que falo, que quero diminuir a minha distância relativamente ao "**aí**", ou até anulá-la; quero chegar "**aí**" e não interessa onde seja esse "**aí**", desde que eu leve até lá "o meu aqui", "o meu eu" e o atinja.

Há uma ausência de movimento, por parte do outro, daquele que espera, há mesmo uma paragem total reforçada pelo uso do imperativo.

5. "Credo, homem! já cuidava que me não aparecias...

Cala-te **aí**, cala-te, atalha-a o homem"

(Irene Lisboa, *Os três encontros*)

Contrariamente ao exemplo anterior, o "**aí**" é neste contexto um lugar exacto, mas um "lugar do discurso". É simultaneamente temporal: "cala-te já", "fim de conversa" e simboliza uma certa autoridade sem apelo; corta o discurso, posição esta que nos aparece numa outra passagem do mesmo texto: "Cala-te **aí** que não sabes o que dizes!".

2.2.1.3 · "ALI"

O deíctico "**ali**" tem muitas vezes o valor de "**lá**", podendo-o substituir sem quaisquer problemas relativos à sua significação:

"**Lá** na minha zona há muita pobreza" e

"**Ali** na minha zona há muita pobreza".

"**Lá**" e "**ali**" são ambos co-referências com "minha zona"

e a utilização de um ou outro deíctico não altera a significação do enunciado.

Mas, é óbvio que esta dupla significação de cada um dos deícticos "**lá**" e "**ali**" nem sempre ocorre e há, efectivamente, situações em que aquela substituição não é possível, já que o significado do enunciado se alteraria.

Genericamente pensamos poder afirmar que "**ali**" se situa num espaço mais próximo do que "**lá**". Por outro lado, "**ali**" parece-nos um espaço mais determinado, um espaço que se consegue visualizar a partir do local onde se encontra o locutor. Exemplifiquemos:

- "Vou guardar estes livros. Onde é que devo colocá-los?"
- "**Ali**".

Pretendemos provar, com este exemplo, que o deíctico "**ali**" define melhor o espaço que o deíctico "**lá**". Senão vejamos: a utilização isolada deste deíctico naquela resposta não deixa possivelmente dúvidas em relação ao local, onde devem ser guardados os livros. É bem possível, também, que com a ajuda de um simples gesto o "**ali**" tenha sido objectivamente identificado e visualizado pelos dois intervenientes no diálogo.

Mas, atentemos agora na utilização de "**lá**", num contexto idêntico:

- Vou guardar estes livros. Onde é que devo colocá-los?"
- "**Lá**".

O deíctico "**lá**" torna, neste caso, a resposta muito mais subjectiva, o "**lá**" não define nenhum local, ou se o define, ele é apenas do conhecimento do locutor. O interlocutor pode entender, através daquela resposta, inúmeros locais possíveis para guardar os referidos livros, como por exemplo:

- "Guarda-os lá na estante".
- "Guarda-os lá num local qualquer".
- "Não me incomodes agora; coloca-os em qualquer lugar".
- "Procura tu um lugar".

Há, como já referimos, uma maior subjectividade e uma menor definição do local quando utilizamos o deíctico "**lá**".

Num outro excerto já comentado e recolhido no conto "FRONTEIRA" de Miguel Torga podemos também comprovar o que acabámos de expor:

"Quando algum não regressa, e por "**lá**" fica varado pela bala de uma lei que Fronteira não pode compreender, o coração da aldeia estremece, mas não hesita. Desde que o mundo é mundo que toda a gente "**ali**" governa a vida na lavoura que a terra permite".

(Miguel Torga, *Fronteira*)

Várias hipóteses espaciais nos são sugeridas pelo deíctico "**lá**":

- "Lá em Espanha".
- "Lá na fronteira".
- "Lá no monte".
- "Lá no rio".

Contudo, o deíctico "**ali**" sugere apenas um espaço bem determinado que todos interpretamos da mesma forma, por possuir um grande grau de objectividade.

Refere-se, obviamente, a Fronteira, um espaço bem determinado ao longo de todo o conto, a que deu, inclusivamente, o título.

Porém, podemos ir mais longe na nossa análise e comentar outras ocorrências de "**ali**":

1. "Quando, naquele estado, entraram ambos em Fronteira, ele e o animal, parecia que o mundo se ia acabar **ali**".

(Miguel Torga, *Fronteira*)

Creemos poder afirmar que o deíctico "**ali**" assume neste fragmento uma função tripartida. Em primeiro lugar, trata-se, sem dúvida, do "lugar onde", isto é, "Ali, em Fronteira".

Todavia, a sua função temporal é também evidente: "Ali, naquele momento".

E, finalmente, podemos notar uma função causal: "... parecia que o mundo se ia acabar, por causa "daquilo", "daqueles acontecimentos".

2. "Desde que o mundo é mundo que toda a gente **ali** governa a vida na lavoura que a terra permite".

(Miguel Torga, *Fronteira*)

Nesta outra ocorrência há o valor de "lugar onde", "ali naquela terra", mas é também determinativo: "toda a gente daquela terra" ou "toda a gente natural daquela terra".

3. "Chegou a casa de noite fechada. Já a mãe andava à procura dela pelas vizinhas, muito aflita: tinha mandado a sua pequena a um recadinho **ali** tão perto...".

(Irene Lisboa, *As Aventuras de Rosalina*)

Neste outro exemplo recolhido em Irene Lisboa, também o "ali" indica um local indefinido, mas algo próximo; um local difuso e não nomeado e parece-nos estar também presente o "lugar para onde".

Conclusão

O estudo que acabámos de fazer, embora simples e muito incompleto, permitiu-nos uma excelente sensibilização para um estudo mais aprofundado da problemática dos deícticos de lugar.

Apesar das limitações que o nosso corpus tem, parece-nos que para um estudo deste tipo, ele será o suficiente para mostrar o diverso e rico valor pragmático dos advérbios de lugar.

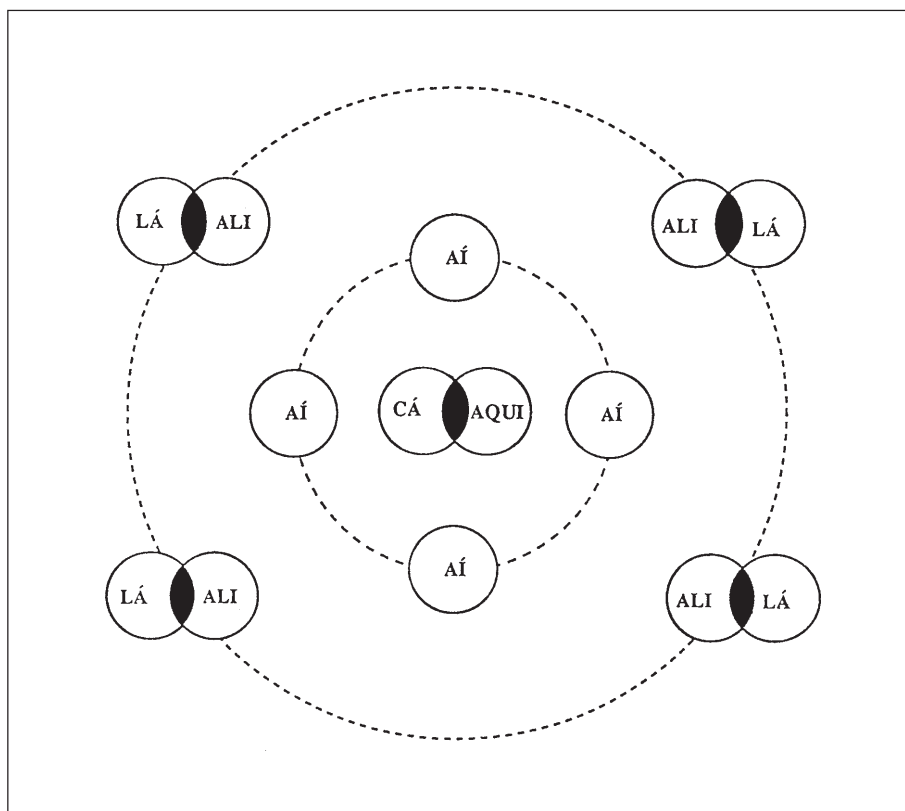
Tentámos fazer uma análise contextualizada, não nos servindo apenas de exemplos da linguagem oral, mas também de um corpus literário recolhido em Irene Lisboa no seu livro de contos "UMA MÃO CHEIA DE NADA OUTRA DE COISA NENHUMA" e em Miguel Torga, no conto "FRONTEIRA" inserido em "NOVOS CONTOS DA MONTANHA".

De simples expressões de lugar, aqueles advérbios passaram a ter funções pragmáticas, conferindo aos enunciados que os incluem valores significativos riquíssimos que, por vezes, são difíceis de explicar.

Assim, os deícticos servem muitas vezes para localizar num espaço físico, mas também numa escala de valores, entre um pólo onde se encontra o locutor, e que significa a base daquela escala, e um outro, do outro lado do local não-enunciativo, que significa o topo da mesma escala.

Terminamos com um esquema que construímos e que

exprime algumas das afirmações que fomos fazendo ao longo do nosso estudo:



Bibliografia

- ALI, Said, (1964), *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, Ed. Melhoramentos, S. Paulo.
- BENVENISTE, Émile, (1996), *O Homem na Linguagem*, Coleção Vega, Universidade, Lisboa.
- CAMARA, Mattoso, (1985), *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, Padrão Livraria Editora Lda.^a, Rio de Janeiro.
- CHARLTER, F.D., (1977), *Bases de Análise Linguística*, Livraria Almedina, Coimbra.
- CUNHA, Celso, (1984), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Ed. Sá das Costa, Lisboa.
- DUCROT, O. e TODOROV, T., (1972), *Dictionnaire Encyclopédique des Sciences du Langage*, Ed. Seuil, Paris.
- DUCROT, O., (1984), *Les Mots du Discours*, Ed. Minuit, Paris.
- ENCICLOPÉDIA EINAUDI, Vol. II, *Linguagem e Enunciação*, Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- FONSECA, F.I. e FONSECA, J., (1972), *Pragmática Linguística e Ensino do Português*, Livraria Almedina, Coimbra.

- LAPA, Rodrigues, (1979), *Estilística da Língua Portuguesa*, Coimbra Editora, Coimbra.
- LEITÃO, Maria Teresa, (1981), *Sur quelques deictiques de lieu en portugais: Aqui, aí, ali, cá, lá, acolá, aquém, além*. Département des Recherches Linguistiques de L'Université de Paris - VII.
- LEVINSON, S.C., (1983), *Pragmatics*, Cambridge Univ. Press.
- LIMA, J. Pinto, (1983), *Linguagem e Acção – da Filosofia Analítica à Linguística Pragmática*, Ed. Apáginastantas, Lisboa.
- LOPES, Óscar, (1972), *Gramática Simbólica do Português*, Instituto Gulbenkian da Ciência, 2,1 Edição, Lisboa.
- MATEUS, M^a Helena Mira et alii, (1983), *Gramática da Língua Portuguesa*, Livraria Almedina, Coimbra.
- METZELTIN, Michael, (1978), *O Signo, O Comunicado, O Código*, Livraria Almedina, Coimbra.
- ORECCHIONE, Cathérine Kerbart (1980), *L'énonciation de la subjectivité dans le langage*, Armand Colin, Paris.
- RÉCANATI, François, (1979), *La transparence et l'énonciation pour introduire à la pragmatique*, Seuil, Paris.
- SEARLE, John R., (1984), *Os Actos de Fala*. Livraria Almedina, Coimbra.
- SILVA, Victor Manuel de Aguiar e, (1988), *Teoria da Literatura*, Livraria Almedina, Coimbra.

Anexos

FRONTEIRA

"Quando a noite desce e sepulta dentro do manto o perfil austero do castelo de Fuentes, Fronteira desperta.

Range primeiro a porta do Valentim, e sai por ela, magro, fechado numa roupa negra de bombazina, um vulto que se perde cinco ou seis passos depois.

A seguir aponta à escuridão o nariz afilado do Sabino. Parece um rato a surgir do buraco. Fareja, fareja, hesita, bate as pestanas meia duzia de vezes a acostumar-se às trevas, e corre docemente a fechadura do cortelho.

O Rala, de braço bambo da navalhada que o D. José, em Lovios, lhe mandou à traição, dá sempre uma resposta torta a mãe, quando já no quinteiro ela lhe recomenda não sei quê lá de dentro.

O Salta, que parece anão, esgueira-se pelos fundos da casa, chega ao cruzeiro, benze-se, e ninguém lhe põe mais a vista em cima.

A Isabel, sempre com aquele ar de quem vai lavar os cueiros de um filho, sai quando o relógio de Fuentes, longe e soturnamente, bate as onze. Aparece no patamar como se nada fosse, toma altura às estrelas, se as há, e some-se na negrura como os outros.

O Júlio Moinante, esse levanta o gravelho, abre, senta-se num degrau da casa, acomoda o coto da perna da melhor maneira que pode, e fica horas a fio a seguir na escuridão o destino de um que lhe dói. Era o rei de Fronteira. Morto o Faustino nas Pedras Ninhas, herdou-lhe o guião. Mas um dia o Penca agarrou-o com a boca na botija, e foi só uma perna varada e as tripas do macho à mostra. **Quando, naquele estado, entraram ambos em Fronteira, ele e o animal, parecia que o mundo se ia acabar ali.** Mas tinha o filho, o João. E agora, enquanto o rapaz, como os mais, se perde nos caminhos da noite, vai-lhe seguindo os passos da soleira da porta.

Saem outros, ainda. Devagar, pelas horas a cabo, os que parece terem-se esquecido, vão deslizando da toca. Só mesmo quando não existe mais corpo adulto e válido no povo é que Fronteira sossega.

Coisa estranha: esta rarefacção que se faz na aldeia, longe de a esvaziar, enche-a. A terra veste-se de um sentido novo, assim deserta, à espera. Pequeninina, de casas iguais e rudimentares, escondida do mundo nas dobras angustiadas e ossudas de uma capucha de granito, as horas que medeiam entre o seu coração e Fuentes são tão fundas e carregadas, que quase magoam. Quem regressará primeiro?

Noventa vezes em cada cem, é a Isabel. Aquilo são pés de veludo! Mas às vezes é o Sabino. Sempre de nariz no ar, a bater as pestanas contra a luz da candeia, entra em casa alagado em água e com um bafo tal a aguardente que tomba.

- Arruma!

A mulher nem suspira. Pega no saco, mete-o debaixo da cama, e põe-se a lançar o caldo. Por fim, começa:

- O Valentim?

- Chumbo. já passou.

- O Rala?

- Uma caixa de conhaque Vem por Fornos.

- O Salta?

- Foi a Torneros. Volta amanhã.

- A Isabel?

- Seda. Ao sair do Padilha parecia um bombo. E enquanto a maçã de Adão sobe e desce no pescoço comprido do Sabino, e a malga de caldo se esvazia, das respostas que dá e do mágico ventre da noite, diante do olhar angustiado da Joana e de Fronteira, vão surgindo os que faltam ainda: o João, o Félix e o Maximino.

Quando algum não regressa, e por lá fica varado pela bala de uma lei que Fronteira não pode compreender, o coração da aldeia estremece, mas não hesita. Desde que o mundo é mundo que toda a gente ali governa a vida na lavoura que a terra permite. É, com luto na alma ou no casaco, mal a noite escurece, continua a faina. A vida está acima das desgraças e dos códigos. De mais, diante da fatalidade a que a povoação está condenada, a própria guarda acaba por descreer da sua missão hirta e fria na escuridão das horas. E se por

acaso se juntam na venda do Inácio uns e outros - guardas e contrabandistas -, fala-se honradamente da melhor maneira de ganhar o pão: se por conta do Estado a vigiar o ribeiro, se por conta da Vida a passar o ribeiro.

De longe em longe, porém, quando há transferências ou rendições, e aparecem caras e consciências novas, são precisos alguns dias para se chegar a essa perfeição de entendimento entre as duas forças. O que vem teima, o que está teima, e parece aço a bater em pederneira. Mas tudo acaba em paz.

Desses saltos no quotidiano de Fronteira, o pior foi o que se deu com a vinda do Robalo.

Já lá vão anos. O rapaz era do Minho, acostumado ao positivismo da sua terra: um lameiro, uma junta de bois, uma videira de enforcado, o Abade muito vermelho à varanda da residência, e o Senhor pela Páscoa. Além disso, novo no ofício - na guarda, para onde entrara em nome dessa mesma terrosa realidade: um ordenado certo e a reforma por inteiro. Daí que lhe parecesse o chão de Fronteira movediço sob os pés. Mal chegou e se foi apresentar ao posto, deu uma volta pelo povoado. E aquelas casas na extrema pureza de uma toca humana, e aqueles seres deitados ao sol como esquecidos da vida, transtornaram-lhe o entendimento.

- Esta gente que faz? - perguntou a um companheiro já maduro no ofício.

- Contrabando.

- Contrabando!? Todos!? E as terras, a agricultura?

- Terras!? Estas penedias?!

O Robalo queria falar de qualquer veiga possível, de qualquer chá que não vira ainda mas tinha forçosamente de existir, pois que na sua ideia um povo não podia viver senão de hortas e lameiros. Insistiu por isso na estranheza. Mas o outro lavou dali as mãos:

- Não. Aqui, a terra, ao todo, ao todo, produz a bica de água da fonte. O resto vão-no buscar a Fuentes.

Mas nem assim o Robalo entendeu Fronteira e o seu destino. No dia seguinte, pelo ribeiro fora, parecia um cão a guardar. Que o dever acima de tudo, que mais isto, que mais aquilo - sítio que rondasse era sítio excomungado. Até as ervas falavam quando qualquer as pisava de saco às costas. Mal a sua ladradela de mastim zeloso se ouvia, ou se parava logo, ou nem Deus do céu valia a um homem. Em quinze dias foram dois tiros no peito do Fagundes, um par de coronhadas no Albino, e ao Gaspar teve-o mesmo por um triz. Se não dá um torcegão no pé quando apontava, varava a cabeça do infeliz de lado a lado. A bala passou-lhe a menos de meio palmo das fontes.

Mas Fronteira tinha de vencer. Primeiro, porque o coração dos homens, por mais duro que seja, tem sempre um ponto fraco por onde lhe entra a ternura; segundo, porque o Diabo põe e Deus dispõe.

Foi assim:

Apesar de inconvinente e mazombo, num domingo em que havia festa em Fronteira, o Robalo, que estava de folga, não resistiu: chegou-se aos bons. E quem havia de lhe entrar pelos olhos dentro ao natural, cobertinha da luz doirada do sol? A Isabel! A rapariga tirava a respiração a um homem. Vinte e dois anos que nem vinte e dois dias de S. João. Cada braço, cada perna, cada seio, que era de a gente se lamber. Ora como ele andava também na mesma conta de primaveras, e não era de pedra, o lume pegou-se à estopa. De tal sorte, que, quando o dia acabou, o Robalo não parecia o mesmo. Evaporara-se-lhe o ar de salvador do mundo, e até já via Fronteira doutro jeito. Se não fosse aquele maldito instinto de castro-laboreiro... Tempos depois, apesar de os amores com a Isabel irem de vento em popa, cama e tudo, ainda o ladrão se lhe sai com esta:

- Gosto muito de ti, tudo o mais, mas se te encontro a passar carga e não paras, atiro como a outro qualquer.

A Isabel riu-se.

- Palavra?!

- Palavra.

- A mim?!?!

- A minha mãe, que fosse...

Desprenderam-se dos braços um do outro melancolicamente. E quando no dia seguinte o Robalo voltou ao ninho tinha a porta fechada.

Como a vida em Fronteira é de noite que se vive, e o Robalo era todo senhor do seu nariz, puderam decorrer meses sem o rapaz pôr os olhos sequer na rapariga. Ela passava o ribeiro como podia, e ele guardava o ribeiro como podia.

Fronteira olhava.

E até ao Natal a vida foi deslizando assim. Na noite de Consoada, porém, aconteceu o que já se esperava. Parte da guarnição tinha ido de licença. Todos se chegavam ao calor da lareira familiar, saudosos de paz e harmonia. Mas o Robalo ficara firme no seu posto.

Nevava. Um frio tal, que o próprio bafo gelava mal saía da boca. Visto de dentro da capa de oleado, o mundo parecia uma coisa irreal, alva, inefável como um sonho. O céu estava ainda mais silencioso e mais alto que de costume. E qualquer parte do Robalo, sem ele querer, diluía-se na magia que enluarava tudo. No Minho, numa noite assim... Pena a Isabel ter-lhe saído contrabandista... Tê-la encontrado numa terra daquelas... Senão, mais tarde, quando tivesse a reforma... Até mesmo agora...

Comovido, deixou-se perder por momentos na vaga mansidão da brancura.

Mas, como por detrás do homem o guarda continuava alerta, mal acabava de pisar aquele caminho sem pedras, já o seu ouvido de cão da noite lhe trazia à consciência um rumor de passos só pressentidos.

Acordou inteiro.

Tchap, tchap, tchap... Pela neve fora, da outra banda, aproximava-se alguém.

Quem diabo seria? O Carrapito? O Carrapito, não. Olha o Carrapito meter-se a um nevão daqueles! O Samuel? O Samuel também não. Era mais atarracado. Só se fosse o Gregório... Sim, porque o Cristóvão, que tinha o mesmo corpo, estava em Vila Seca, no namoro. Vira-o passar...

A pessoa que vinha, caminhava sempre, direita como um fuso ao cano da carabina.

Tchap ... Tchap ...

Todo gelado por fora, mas quente da emoção que lhe dava sempre qualquer alma em direcção ao ribeiro, o Robalo esperou. E, quando os passos se molharam no rego de água e chegaram à margem, a mola tensa estalou:

- Alto!

Mas o gume da palavra de comando não conseguiu cortar sequer os flocos de neve. A sensação que teve ao gritar foi a de um baque amortecido. Uma espécie de tiro à queima roupa.

Repetiu:

- Alto!

Uma voz cansada entrou-lhe no coração.

- Sou eu...

- TU?!

- Sou. Mas nem trago contrabando, nem me posso demorar.

- Tu?!

- Eu mesmo. E já disse que não trago contrabando, nem me posso demorar.

Se ele não fosse o Robalo, cego e frio dentro da função, o que lhe apetecia era tomar nos braços aquele corpo amado e rebelde, enfarinhado de neve e não sabia de que outra secreta alvura. Mas era o Robalo guarda, a guardar. Por isso fez arrefecer nas veias a fogueira que o escaldava, e estacou o primeiro passo do vulto com nova ordem:

- Alto, já disse!

Docemente, numa carícia estranha para os seus ouvidos, quem passava falou:

- Não berres, que não vale a pena. Este volume todo - é gente. A intenção era boa, era... Mas de repente, em Fuentes, começam-me a apertar as dores... Se não me apego às pernas com quanta alma tinha, nascia-me o rapaz galego. Querias?

O coração do Robalo não aguentava tanto. Um filho! Um filho seu no ventre de uma contrabandista!

Regelou-se ainda mais.

- A mim não me enganas tu. Gente! No posto eu te direi se isso é gente, ou são cortes de seda. Vamos lá!

Pela neve fora a presença da rapariga era como um enigma sagrado diante dos olhos dele. Mas o guarda guardava.

- Ó homem de Deus, deixa-me ir enquanto posso! Olha que as dores voltam como há bocado, é no sítio onde estiver...

O Robalo, porém, tinha de levar a cruz ao fim. Já com a Isabel fechada na pobreza da tarimba, esperou ainda o milagre da sua obstinação acabar em tecidos, em seco e peço contrabando posto a nu.

Fronteira, contudo, podia mais do que uma absurda obstinação. E, mal a parturiente atirou lá de dentro o primeiro grito a valer, o Robalo ruíu.

Desesperado, parecia um doido por toda a casa. De quando em quando, arrastado por uma força que não conseguia dominar, chegava-se à porta do quarto, humilde, rasgado de cima abaixo de ternura:

- Isabel...

Um berro que estalava fino e súbito fazia-o recuar transido para o mais fundo da sala.

Até que a trovoada amainou, e do pesado silêncio que se fez nasceu para os seus ouvidos maravilhosos um choro doce, novo, muito puro, que lhe arrancou lágrimas dos olhos.

Chegou-se à porta outra vez:

- Isabel ...

A voz cansada da mulher mandou-o entrar.

E, quando o dia rompeu, Fronteira tinha de todo ganho a partida. Demitido, o Robalo juntou-se com a rapariga. Ora como a lavoura de Fronteira não é outra, e a boca aperta, que remédio senão entrar na lei da terra! Contrabandista.

E aí começam ambos a trabalhar, ele em armas de fogo, que vai buscar a Vigo, e ela em cortes de seda, que esconde debaixo da camisa, enrolados à cinta, de tal maneira que já ninguém sabe ao certo quando atravessa o ribeiro grávida a valer ou prenha de mercadoria".

Miguel Torga, *Novos Contos da Montanha*,
6.ª Edição, Coimbra Editora, 1975

AS AVENTURAS DE ROSALINA

A Rosalina ia fazer um recadinho à mãe, pela praia fora. E a praia era muito comprida, nunca se lhe via o fim.

O mar estava chefinho de gaivotas. À borda do mar de pés descalços, é que era gozar. Tudo luzia tanto!

Rosalina olhou para o sol, para o mar e para a areia. A areia estava coberta de malhas; ela estranhou aquilo e desatou a correr. **As gaiivotas pareciam-lhe umas tontas, para cá e para lá, de cabeça pendurada...** Nunca sossegavam. Dormiriam debaixo de água? Rosalina suspeitava-o.

Fartinha de correr, cheia de vento e de sol, deixou-se cair sentada. Pôs-se a cantarolar e enterrou os braços na areia. Estava tão quente! até escaldava.

Ai, que não tenho braços... coitadinha de mim... lamuriava Rosalina para se entreter. Mas de perto lhe responde uma voz:

Anda cá menina.

A pequena desenterrou os braços de repente. Tinha ouvido ou não tinha ouvido? e olhou para todos os lados.

Anda cá, menina.

Tinha ouvido.

Olhou e tornou a olhar mas não viu ninguém.

A voz devia ter vindo das ervas, do lado da terra.

Rosalina encheu-se de ânimo e foi catar todas as moitas. Nada! Olhou para longe. Ningém! Sempre a olhar para trás voltou para a borda do mar, desconfiada, e desatou a correr de novo. Correu tanto na areia molhada que até perdeu a respiração. Caíu outra vez sentada. Suspirou de alívio e tornou a cavar na areia com as duas mãos. Tirava pitadinhas dela, alisava-a, enterrava os dedos, os braços... até que achou duro e arrancou uma coisa para fora. Imagine-se! Um coraçãozinho de oiro. Rosalina ficou doida. Riu e pôs-se outra vez a cantar. Mas pareceu-lhe ouvir de novo a tal voz:

Anda cá, menina.

Virou-se instantaneamente. Estava em frente de uma moitinha de erva preta. Uma erva esbranquiçada e gorda, como há muita ao pé do mar. Dali é que vinha o som. Rosalina perdeu a coragem, levantou-se de um salto e deitou a fugir.

Anda cá, menina: anda cá, menina.

Rosalina voava. Não e não! – gritava ela sem nunca parar. Até que caiu sentada, já não podia mais. Pôs as duas mãos no peito, via tudo às rodelas e às cores. Olhou para a água e lá foi serenando. Até lhe parecia impossível ser aquilo o mar. Levantou-se por fim e foi caminhando, muito devagarinho, a olhar sempre para os pés. Enterrava conchas, rebentava bolhas de espuma... Descobriu uma argolinha brilhante, apanhou-a e enfiou-a num dedo. Mas voltou a ouvir:

Anda cá, menina.

A voz agora vinha do mar, ela não estava enganada.

Anda cá, menina: anda cá, menina.

E puxavam-na. Rosalina queria arrancar a argolinha do dedo e deitá-la fora, mas já não podia. Tapou uma das mãos com a outra, era sempre o mesmo.

Anda cá, menina.

Rosalina toda desesperada, com o corpo muito teso, a recuar, só gritava que não e que não.

Anda cá, menina.

E assim foi entrando pelo mar dentro, sentada numa concha. O mar só parecia de leite, sem uma onda. Não havia de que ter medo. Eram gaivotas que a puxavam. Rosalina entusiasmou-se e começou aos gritos. Que corrida! **Os cabelos voavam-lhe com a aragem e com a excitação.**

O sol que pare! – bradava a pequena. Que espere. Espera aí por mim!

E o sol que já se ia a pôr esperou por ela. Rosalina ia-se aproximando, já estava perto dela. A concha corria no mar como uma flecha.

Sol! Isto diz ela com os braços no ar. E arrebate-o. Mas como o sol ainda estava quente atira-o de repelão à-água. Tudo se abrasa de súbito e depois escurece.

Rosalina atrapalhada voltou para trás e por aquela praia fora correu tanto, tanto, tanto que ia morrendo. **Chegou a casa de noite fechada. Já a mãe andava à procura dela pelas vizinhas, muito aflita: Tinha mandado a sua pequena a um recadinho ali tão perto...**

Irene Lisboa, *Uma mão cheia de nada outra de coisa nenhuma*,
Livraria Figueirinhas, Porto, 1980

OS TRÊS ENCONTROS

Já tinha escurecido. A mulher esperava o seu homem e volta, meia volta ia ao postigo. Como ele tarda! – dizia então. Atiçou as brasas, acendeu a luz da candeia com um graveto que chegou ao fogo, rojou um mocho e sentou-se. Puxou para si a cesta da costura, mas não teve tempo de enfiar a agulha. Abre-se a porta com fragor e uma voz brada:

Haja paz nesta casa! Aqui está quem manda!

Quem assim se manifestava parecia vir de bom cenho.

Credo, homem! já cuidava que me não aparecias...

Cala-te aí, cala-te, atalha-a o homem.

Tira-me mas é já de cima esta manta e os safões. **Sempre faz um frio! Quem anda lá por fora é que sabe.** Ao lume está-se bem. Ninguém dirá, retoma ela; com a ceia tanto tempo à tua espera e o tempo a passar...

Cala-te, anda, e põe-me a jeito. Se tu bem souberes...

Se eu...

Cala-te, cala-te, só te digo mais esta: vale a pena ralar-se um homem! Olha que pelo caminho fora, depois do que me aconteceu, eu vinha a pensar: vive-se um ror de anos, farta-se um homem de viver! E lá vem um dia... ó mulher! um dia quando ele mal se precata...

Vá, desembucha, homem; vem um dia...

Já te disse que me não atrapalhes. Nunca me deixas chegar onde eu quero. Cala-te que daqui a pouco já sabes. Mas então senta-te e come.

Está bem. E eu que trago uma fome! Ouve cá, consta-me que tu és bruxa, houve quem já mo dissesse um dia...

E tu acreditaste? Só esse gosto que tu tens de me arreliar!

Não, mas ouve cá! Tu não sabes sempre mais que as outras?

Eu não.

Sabes, sabes ... Pergunta-se-te qualquer coisa, tu pões-te logo a cismar e a tua resposta sai certa.

Vá. anda, diz lá o que de mim queres, homem.

Eu não quero nada. Ia-te só a contar a razão da minha demora.

História de amigos ou de raparigas, aposto.

Enganas-te. Primeiro, foi o encontro que tive com um velho.

Que velho?

Bem sei eu! Estive que tempos a espreitá-lo. E o pobrezeco não dava por mim nem por nada, parecia tarouco.

Se o viras... Sentado num barranco, com um búzio na mão... Ria-se, falava sozinho, levava o búzio ora a um ouvido ora a outro... Fartei-me de o ver naquelas manigâncias e bradei-lhe: ó tiozinho, que tal a música, hem? Ele não me respondeu nada. Continuou a rir baixinho. Nem um só dente tinha naquela boca! A sua cara, toda ela era uma gelha. Mas dizia umas coisas...

Não foste então capaz de o entender?

Já se sabe que não, e bem o tentei! O velhote deu-me no goto. Parece que falava no mar, no mar... nos seus barcos, nas suas casas... Fossem-no lá entender, coitado! Deixei-o no barranco e mais o seu búzio. **E sabes tu com que é que eu havia de topar uma boa légua cá mais adiante?** Com o nosso vizinho da ladeira. Pois nem me conheceu! Levava um grande rebanho de reses à sua frente e dava berro de tremer.

Parecia varrido do juízo. Os animais fugiam-lhe, ia tudo tresmalhado. Ai, mas só as pragas que ele rogava... Eu bem lhe queria dar uma ajuda, mas era em vão; nem me conhecia, digo-to eu. Parecia um diabo, com os olhos como duas postas de sangue.

Depois, vai-me tu sempre ouvindo, que agora aqui é que anda mistério e grande. Já eu não pensava no velhote nem no nosso vizinho, já me distraíra, vinha eu... se queres que te diga, nem sei por que alturas vinha, quando começo a ver umas coisas, assim a saltarem,

a saltarem... tu nunca farás uma ideia do que aquilo parecia! Umás bolinhas brancas, umas luzes... Eu só fazia era arredá-las com a mão, mas elas sempre a teimar... Juro-te que estava nos meus cinco sentidos. Elas eram mais fortes que um homem! Esta é que é a verdade.

Não terias bebido a tua pinguita?

Cala-te aí que não sabes o que dizes! Cala-te, mulher!

Logo vi que me não entendias!

Não faças caso, continua, anda, que não foi por mal.

Pois aquilo encadeava-me e dava-me vontade nem sei de quê. De lhe correr atrás... E foi o que eu fiz... Era tão bonito! Também se ouviam umas vozes... De repente, aí se tu puderas ver! solta-se uma coisa com asas, mas não era um pássaro. Corri para ela, ia sempre a agarrá-la e ela sempre a fugir. Fugia-me e voltava. Mulher, que poderia aquilo ser? Discorre, vá. Eu não tinha bebido. Tudo tão alegre e tão bonito! Aquilo que voava não era pássaro, era muito mais leve e até brilhava. Nunca fui capaz de lhe deitar a mão. Que pena! Anda, tira-me os olhos dessas brasas, mulher, fala.

Se bem queres que te diga...

Adivinha, mulher; já que te chamam bruxa.

Tornas à mesma, tornas?

Não, mas fala.

Queres tu saber? O nosso vizinho, debes estar lembrado, deixou a sua última seara à mercê dos gaios e dos outros pássaros, e depois não havia quem o calasse. Não é homem de boa cabeça. Do velho também já ouvi falar. Há quem diga que foi muito rico e que hoje não tem nada de seu, mas ainda vive com a mania dos barcos e dos palácios. Não faz mal a ninguém. Nunca pára a nenhuma porta. Anda com uma saqueta ao ombro e é nela que guarda o búzio. Já a minha avó falava dele, mas ninguém lhe sabe a idade. Toda a sua distração está no tal búzio.

E a outra coisa, mulher?

Essa, ninguém me tira da cabeça que foi sonho que tu tiveste.

Qual sonho! Eu tinha os olhos tão abertos como agora. Virava. Era uma coisa linda e com asas... passava-me pela frente, dava-me com elas... e eu corria-lhe atrás...

Espera, homem. Tu estás bem certo de que não sonhaste?

Se estou! O tal pássaro parecia-me todo mareado e luzia e cantava... Apanhá-lo! Era só o que eu queria. Mas que pudera aquilo ser?

Já faço uma ideia. Ou que fosse sonho ou coisa viva, homem, é aquilo que nunca se alcança. Entendes-me? Essa coisa que te dançava à frente... O homem, mas o que te aconteceu é raro. São as nossas ilusões!

Também o creio. Mas, e o velhote? Porque me cruzei eu

também com o velhote e com o nosso vizinho?

Era porque assim te estava destinado. Três encontros tiveste tu, como poucos os têm. O velho, é o que passou, entendes-me? O passado. O nosso vizinho é que se está a toda a hora vendo, as raivas e os desesposos do presente, e a tal coisa com asas...

Aposto que é o futuro?

Pois.

Mas tu falas sempre certo, mulher. Queres crer que eu tive uma certa pena do velhote e que à vista do nosso vizinho me senti mal cá por dentro? Tal e qual como quando a gente pensa no que já lá vai e naquilo que nos está a acontecer. O que lá vai, chamamos a lagrimicha ao olho e o que acontece em cada dia, não há maldição que o não cubra.

É isso mesmo. Quanto à outra coisa...

Não digas mais! Quando a gente se põe com a esperança... até os dias têm asas e mudam de cor. Sabes o que digo, mulher? Nem a ceia já me sabe a nada.

Te arrenego, homem, que a fiz com tanto gosto! Mas isto de uma pessoa vir pelo seu caminho fora e ter destes encontros... Foi sorte. Tu o dizes, lá entendida és. Tornas-me a chamar essa palavra? Nem essa nem outra! Fico a cismar. Tudo aquilo que eu vi, ou que fosse a dormir, ou que fosse acordado... como me parece certo, passado assim pela tua boca! Lá se tu és bruxa, não sei, nem me importa.

Irene Lisboa, *Uma mão cheia de nada e outra de coisa nenhuma*, Livraria Figueirinhas, Porto, 1980

Títulos publicados:

- 1 · **A agricultura nos distritos de Bragança e Vila Real**
Francisco José Terroso Cepeda – 1985
- 2 · **Política económica francesa**
Francisco José Terroso Cepeda – 1985
- 3 · **A educação e o ensino no 1º quartel do século XX**
José Rodrigues Monteiro e Maria Helena Lopes Fernandes
– 1985
- 4 · **Trás-os-Montes nos finais do século XVIII: alguns aspectos económico-sociais**
José Manuel Amado Mendes – 1985
- 5 · **O pensamento económico de Lord Keynes**
Francisco José Terroso Cepeda – 1986
- 6 · **O conceito de educação na obra do Abade de Baçal**
José Rodrigues Monteiro – 1986
- 7 · **Temas diversos – economia e desenvolvimento regional**
Joaquim Lima Pereira – 1987
- 8 · **Estudo de melhoramento do prado de aveia**
Tjarda de Koe – 1988
- 9 · **Flora e vegetação da bacia superior do rio Sabor no Parque Natural de Montesinho**
Tjarda de Koe – 1988
- 10 · **Estudo do apuramento e enriquecimento de um pré-concentrado de estanho tungsténio**
Arnaldo Manuel da Silva Lopes dos Santos – 1988
- 11 · **Sondas de neutrões e de raios Gama**
Tomás d'Aquino Freitas Rosa de Figueiredo – 1988
- 12 · **A descontinuidade entre a escrita e a oralidade na aprendizagem**
Raul Iturra – 1989
- 13 · **Absorção química em borbulhadores gás-líquido**
João Alberto Sobrinho Teixeira – 1990

-
- 14 · **Financiamento do ensino superior no Brasil – reflexões sobre fontes alternativas de recursos**
Victor Meyer Jr. – 1991
 - 15 · **Liberalidade régia em Portugal nos finais da idade média**
Vitor Fernando Silva Simões Alves – 1991
 - 16 · **Educação e loucura**
José Manuel Rodrigues Alves – 1991
 - 17 · **Emigrantes regressados e desenvolvimento no Nordeste Interior Português**
Francisco José Terroso Cepeda – 1991
 - 18 · **Dispersão em escoamento gás-líquido**
João Alberto Sobrinho Teixeira – 1991
 - 19 · **O regime térmico de um luvissole na Quinta de Santa Apolónia**
Tomás d’Aquino F. R. de Figueiredo - 1993
 - 20 · **Conferências em nutrição animal**
Carlos Alberto Sequeira - 1993
 - 21 · **Bref aperçu de l’histoire de France – des origines à la fin du II^e empire**
João Sérgio de Pina Carvalho Sousa – 1994
 - 22 · **Preparação, realização e análise / avaliação do ensino em Educação Física no Primeiro Ciclo do Ensino Básico**
João do Nascimento Quina – 1994
 - 23 · **A pragmática narrativa e o confronto de estéticas em *Contos de Eça de Queirós***
Henriqueta Maria de Almeida Gonçalves – 1994
 - 24 · **“Jesus” de Miguel Torga: análise e proposta didáctica**
Maria da Assunção Fernandes Morais Monteiro – 1994
 - 25 · **Caracterização e classificação etnológica dos ovinos churros portugueses**
Alfredo Jorge Costa Teixeira – 1994
 - 26 · **Hidrogeologia de dois importantes aquíferos (Cova de Lua, Sabariz) do maciço polimetamórfico de Bragança**
Luís Filipe Pires Fernandes – 1996

-
- 27 · **Micorrização in vitro de plantas micropropagadas de castanheiro (*Castanea sativa* Mill)**
Anabela Martins – 1997
- 28 · **Emigração portuguesa: um fenómeno estrutural**
Francisco José Terroso Cepeda – 1995
- 29 · **Lameiros de Trás-os-Montes: perspectivas de futuro para estas pastagens de montanha**
Jaime Maldonado Pires; Pedro Aguiar Pinto; Nuno Tavares Moreira – 1994
- 30 · **A satisfação / insatisfação docente**
Francisco Cordeiro Alves – 1994
- 31 · **O subsistema pecuário de bovinicultura na área do Parque Natural de Montesinho**
Jaime Maldonado Pires; Nuno Tavares Moreira – 1995
- 32 · **A terra e a mudança – reprodução social e património fundiário na Terra Fria Transmontana**
Orlando Afonso Rodrigues – 1998
- 33 · **Desenvolvimento motor: indicadores bioculturais e somáticos do rendimento motor de crianças de 5/6 anos**
Vítor Pires Lopes – 1998
- 34 · **Estudo da influência do conhecimento prévio de alunos portugueses na compreensão de um texto em língua inglesa**
Francisco Mário da Rocha – 1998
- 35 · **La crise de Mai 68 en France**
João Sérgio de Pina Carvalho Sousa – 1999
- 36 · **Linguagem, psicanálise e educação: uma perspectiva à luz da teoria lacaniana**
José Manuel Rodrigues Alves
- 37 · **Contributos para um estudo das funções da tecnologia vídeo no ensino**
Francisco Cordeiro Alves – 1998
- 38 · **Sistemas agrários e melhoramento dos bovinos de raça Mirandesa**
Fernando Jorge Ruivo de Sousa – 1998

-
- 39 · Enclaves de clima Cfs no Alto Portugal – a difusa transição entre a Ibéria Húmida e a Ibéria Seca**
Ário Lobo Azevedo; Dionísio Afonso Gonçalves; Rui Manuel Almeida Machado – 1995
- 40 · Desenvolvimento agrário na Terra Fria – condicionantes e perspectivas**
Duarte Rodrigues Pires – 1998
- 41 · A construção do planalto transmontano – Baçal, uma aldeia do planalto**
Luísa Genésio – 1999
- 42 · Antologia epistolográfica de autores dos sécs. XIX-XX**
Lurdes Cameirão – 1999
- 43 · Teixeira de Pascoaes e o projecto cultural da “Renascença Portuguesa”**
Lurdes Cameirão – 2000
- 44 · Descargas atmosféricas – sistemas de protecção**
Joaquim Tavares da Silva
- 45 · Redes de terra – princípios de concepção e de realização**
Joaquim Tavares da Silva
- 46 · O sistema tradicional de exploração de ovinos em Bragança**
Carlos Barbosa – 2000
- 47 · Eficiência de utilização do azoto pelas plantas**
Manuel Ângelo Rodrigues, João Filipe Coutinho – 2000
- 48 · Elementos de física e mecânica aplicada**
João Alberto Sobrinho Teixeira
- 49 · A Escola Preparatória Portuguesa – Uma abordagem organizacional**
Henrique da Costa Ferreira – 2002
- 50 · Agro-ecological characterization of N. E. Portugal with special reference to potato cropping**
T. C. Ferreira, M. K. V. Carr, D. A. Gonçalves – 1996
- 51 · A participação dos professores na direcção da Escola Secundária, entre 1926 e 1986**
Henrique da Costa Ferreira – 2002

-
- 52 · **A evolução da Escola Preparatória – o conceito e componentes curriculares**
Henrique da Costa Ferreira – 2003
- 53 · **O Homem e a biodiversidade (ontem, hoje... amanhã)**
António Réffega – 1997
- 54 · **Conservação, uso sustentável do solo e agricultura tropical**
António Réffega – 1997
- 55 · **A teoria piagetiana da equilibração e as suas consequências educacionais**
Henrique da Costa Ferreira – 2003
- 56 · **Resíduos com interesse agrícola - Evolução de parâmetros de compostagem**
Luís Manuel da Cunha Santos – 2001
- 57 · **A dimensão preocupacional dos professores**
Francisco dos Anjos Cordeiro Alves – 2001
- 58 · **Análise não-linear do comportamento termo-mecânico de componentes em aço sujeitas ao fogo**
Elza M. M. Fonseca e Paulo M. M. Vila Real – 2001
- 59 · **Futebol - Referências sobre a orientação do jogo**
João do Nascimento Quina – 2001
- 60 · **Processos de cozedura em cerâmica**
Maria Helena Pires César Canotilho – 2003
- 61 · **Labirintos da escrita, labirintos da natureza em "As Terras do Risco" de Agustina Bessa-Luís**
Helena Génésio – 2002
- 62 · **A construção da escola inclusiva - um estudo sobre a escola em Bragança**
Maria da Conceição Duque Fernandes Ferreira – 2003
- 63 · **Atlas das aves nidificantes da Serra da Nogueira**
Domingos Patacho
- 64 · **Dialecto rionorês... contributo para o seu estudo**
Dina Macias – 2003

-
- 65 · A aquisição e o desenvolvimento do vocabulário na criança de 4 anos - Estudo de um caso**
Dina Macias – 2002
- 66 · Barbela, um trigo escravo - a cultura tradicional de trigo na terra fria bragançana**
Ana Maria Carvalho
- 67 · A língua inglesa, uma referência na sociedade da globalização**
Eliane Cristine Raab Pires – 2002
- 68 · Etnobotânica das aldeias da Moimenta da Raia e Rio de Onor**
Ana Maria Carvalho; Ana Paula Rodrigues
- 69 · Caracterização Biofísica da técnica de Mariposa**
Tiago Barbosa – 2004
- 70 · As inter-relações turismo, meio-ambiente e cultura**
Eliane Cristine Raab Pires – 2004
- 71 · Avaliação do impacte dos cursos de jovens empresários agrícolas em Trás-os-Montes**
Maria da Graça Ferreira Bento Madureira – 2004
- 72 · Do pai ao pior – 4 conferências**
Acílio da Silva Estaqueiro Rocha; José Manuel Rodrigues Alves; José Martinho; J. Gaglianone
- 73 · Alguns deícticos de lugar: Análise pragmática**
Dina Rodrigues Macias – 2004